

2008

Estamos aqui. Habituem-se

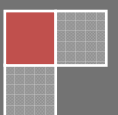
[Type the document subtitle]

Crónica na revista Com'Out, nº 1, Julho 2008

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2008



ESTAMOS AQUI. HABITUEM-SE. Miguel Vale de Almeida.

Qual o maior problema de que padece a população LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e transgénero) portuguesa? É a invisibilidade. É claro que a violência homofóbica é uma questão mais dramática. Mas a invisibilidade é um véu que nos tapa a cara praticamente todos os dias, em todos os locais e esferas da vida. Até a violência, tantas vezes escondida e não denunciada, acontece debaixo desta *burka*.

A invisibilidade LGBT começa à nascença. Como? Porque tradicionalmente a instituição familiar não prevê a homossexualidade (aliás teme-a e “previne-a”) e define rigidamente as identidades de género. Crescemos sem que a possibilidade de sermos LGBT nos tivesse sido sequer apresentada. E quando ela nos foi finalmente apresentada – lembrem-se, na escola, nas conversas entre colegas? - foi sob a forma do insulto, quando descobrimos que havia uma coisa feia, pecaminosa, doentia ou criminosa. E que nós podíamos ser “essa coisa”.

Ao contrário de outras identidades que também são minorizadas – as mulheres em geral, os negros, etc – a nossa orientação sexual ou identidade de género não está escrita nos nossos corpos ou marcada pelos grupos em que nascemos. Invisíveis e isolados, resta-nos o *coming out*, isto é, a revelação de quem somos aos outros – à família, aos amigos, aos colegas, aos vizinhos. Só saindo do armário nos tornamos visíveis - um acto de coragem nem sempre possível e por vezes com um preço alto. Daí a mobilização colectiva ser também fundamental, para criar apoio, solidariedade, comunidade.

Mas só se pode ser *reconhecido* se se for visível. O reconhecimento - social e político - de que a sociedade também é feita de LGBT, é a via para a cidadania e para a igualdade de direitos (os deveres, esses, já os cumprimos de forma igual...). É a via para a felicidade de mais pessoas, sem ser retirada a felicidade a ninguém. Graças à visibilidade a sociedade e as mentalidades transformam-se, normalizando a diversidade de orientação sexual e identidade de género. Daí a importância de haver personagens LGBT em filmes e em séries de TV; de haver figuras públicas que fazem o seu *coming out*; de haver bares e lojas e marchas e arraiais; e, claro, de haver uma revista.

Há anos que Portugal esperava por uma revista LGBT no *mainstream* editorial, nas bancas, nas estações de serviço, pousada na mesa ao lado no café, deixada sobre a toalha na praia. *Normal*. Não por cumprir uma qualquer norma, mas por dizer à sua maneira a velha frase da libertação LGBT: “Estamos aqui. Somos assim. Habituem-se.”

